



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**THAÍS NODARE DE OLIVEIRA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-492

**Entrevistada:** Thaís Nodare de Oliveira

**Nascimento:** 07/11/1989

**Local da entrevista:** Centro de Memória de Educação Física, do Esporte e do Lazer - UFMG

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 17/11/2014

**Transcrição:** Raquel Helena Ritter Braga

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 35 minutos e 48 segundos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

**Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer (CEMEF) desde o início da graduação em Arquivologia; A permanência no CEMEF após estar formada; A organização dos acervos; Os projetos em desenvolvimento no CEMEF e o seu projeto de pesquisa; As conquistas que já podem ser observadas no CEMEF; A importância do CEMEF na sua trajetória profissional; As expectativas e projetos futuros para o CEMEF.

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2014. Entrevista com Thaís Nodare de Oliveira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Thaís, primeiro muito obrigado por se disponibilizar. Eu queria que você começasse contando como que você se envolveu com o CEMEF<sup>1</sup>.

T.O. – Meu envolvimento começou muito cedo, em relação à graduação, com o Centro. Eu passei o primeiro período da graduação sem conhecer o Centro de Memória. Já no segundo período eu o conheci por uma amiga que estudava comigo e era bolsista de um projeto externo, mas que prestava serviço para o centro e então surgiu uma bolsa de extensão. Ela me convidou, eu vim conhecer o Centro, passei por uma seleção de bolsistas e a partir de então eu me envolvi com o Centro, isso em 2010, final de 2010, início de 2011. A partir deste momento eu sempre estive presente no Centro, realizando principalmente atividades relacionadas a arquivos e atividades extensionistas, como por exemplo: receber o público, receber pesquisadores, os bolsistas e tudo mais. Aqui mesmo eu também desenvolvi meu estágio obrigatório A e B de conclusão de curso, depois que me formei fui convidada pela professora Meily<sup>2</sup> para assumir uma bolsa de apoio técnico, eu assumi esta bolsa durante um ano depois que me formei – isso já em 2013 – e agora em 2014 eu continuo no centro, já assumindo a responsabilidade de arquivista voluntária e participando das atividades, ainda relacionadas aos acervos.

C.M. – Você se envolveu em algum projeto específico?

T.O. – Eu sempre estive envolvida com os projetos do acervo, em específico. Os outros projetos, principalmente os de pesquisa, relacionados às outras atividades que acontecem no centro eu nunca estive tão envolvida, exatamente por causa da minha área de formação, pelo fato de eu ter vindo da área das Ciências da Informação e da Arquivologia. Então todo o meu apoio sempre se deu em relação aos acervos e considerando os nossos tipos de acervo: textual, tridimensional, fotografia. Em todos os trabalhos com estes acervos eu

---

<sup>1</sup> Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Meily Assbú Linhales.

sempre estive envolvida. Embora, por uma questão de movimento do Centro, minha maior participação foi na organização dos acervos institucionais, mas por causa de um movimento natural do centro de organização. Então meu envolvimento sempre foi, principalmente, com os arquivos institucionais. Neste momento nós estamos trabalhando com os arquivos de professores, arquivos pessoais de professores... Começou a partir deste ano.

C.M. – E quando você chegou, qual era a situação do acervo, já estava tudo catalogado, já tinha um arrolamento? Qual era a situação?

T.O. – Quando eu cheguei a empresa que havia sido contratada para uma prestação de serviço estava saindo, estava terminando sua prestação de serviço e a fase que eles deixaram foi uma fase que a gente chama na Arquivologia de classificação. Já havia sido realizada uma pesquisa sobre o acervo, então os quadros de arranjo, que são aqueles quadros nos quais a gente localiza as funções, séries e subséries, já estavam prontos. Claro que ao longo do tempo foram aparecendo outras coisas, então fomos criando novas séries, mas esse quadro de arranjo já estava pronto. Como a organização do acervo aconteceu em etapas, eu comecei de uma etapa zero também, mas já partindo do pressuposto desses quadros prontos. Então eu participei da fase de higienização, que foi a higienização dos documentos já de uma segunda etapa, participei também da classificação e descrição dos documentos. Nessa fase de classificação dos documentos, principalmente, é uma fase em que temos muito contato com os documentos, então a gente lê, a gente entende o que é o documento para poder classificar dentro daquele quadro de arranjo. Então teoricamente eu participei destas três etapas e agora, em uma etapa final, finalizando a construção do inventário, que é o nosso instrumento de pesquisa dos fundos institucionais.

C.M. – Quem é responsável pela organização dos acervos? Quem coordena este trabalho?

T.O. – Quem coordena este trabalho hoje é a professora Meily. Ela passou um ano afastada para a realização do Pós-Doc<sup>3</sup> dela, aí outro professor assumiu esta responsabilidade, eu também assumi junto, como ela estaria distante de alguma forma e eu já estava envolvida, eu também assumi esta responsabilidade de coordenação das atividades. Com o retorno

dela, ela volta a ser a coordenadora. São atividades desde planejamento até a execução, porque, como ela estudou na escola e conhece muito também do acervo, ela ajuda a esclarecer muita das dúvidas que nós temos. Porque como eu não sou da Educação Física isso de alguma forma acaba dificultando em algum momento o entendimento de um ou outro documento. Mas é a professora Meily.

C.M. – E o outro professor que esteve envolvido foi o Adalson<sup>4</sup>?

T.O. – Foi o professor Adalson, isso. Junto com o professor Adalson eles coordenaram este projeto do acervo.

C.M. – E quem mais trabalha diretamente com o acervo?

T.O. – Então, todos os bolsistas do centro trabalham, embora com outras atividades, alguns são de iniciação, outros de extensão, eles trabalham diretamente com os acervos institucionais. Então neste momento, porque já passaram por aqui outros, mas neste momento, é eu, Fernanda<sup>5</sup> e Najela<sup>6</sup> tratando dos Arquivos Pessoais e Igor<sup>7</sup>, Gisele<sup>8</sup> e Laura<sup>9</sup> nos Arquivos Institucionais. Hoje é essa a divisão.

C.M. – Como vocês têm trabalhado com os conhecimentos das Ciências da Informação? Onde é que entra a Arquivologia, a Museologia e a Biblioteconomia dentro do CEMEF?

T.O. – Eu acho que isso foi um movimento natural que aconteceu no centro. O que eu ouço da Meily, porque, como eu cheguei depois também e o centro já existia, é que a princípio o centro agiu com uma lógica da Biblioteconomia, nos primeiros movimentos de organização do Centro. Depois eles foram vendo que aquela lógica não estava dando muito certo, então foram nas Ciências da Informação e: “Vamos descobrir o que é que nós temos no centro”. Então por se tratar de um acervo de biblioteca, um acervo institucional e um

---

<sup>3</sup> Pós-doutorado.

<sup>4</sup> Adalson de Oliveira Nascimento.

<sup>5</sup> Fernanda Cristina dos Santos.

<sup>6</sup> Najela Paula Tavares.

<sup>7</sup> Igor Maciel da Silva.

<sup>8</sup> Gisele Oliveira de Almeida.

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação.

acervo, de alguma forma, museológico, optou-se em algum momento por então dividir: embora formam um conjunto, todos seriam tratados de forma individual, de acordo com suas características. Então o que é da biblioteca é tratado na lógica da Biblioteconomia o que é arquivo é tratado na lógica da Arquivologia e o que é objeto tridimensional é tratado na lógica da Museologia. Então o que a gente faz é esta divisão em que sentido? Os arquivos institucionais são tratados por uma lógica da arquivística e aí é esta lógica de quadros de arranjos, classificação, descrição, de acordo com as normas arquivísticas. Os objetos tridimensionais embora já tenham uma classificação e uma descrição prévia, é um movimento que ainda vamos construir de também trabalhar com a lógica da Museologia, mas então é um movimento que ainda não vem acontecendo no centro, mas que temos a consciência de que tem que ser sobre estas lógicas. E quanto à biblioteca, nós temos um apoio da biblioteca da unidade. Então o que acontece? Os livros são todos catalogados por uma base da biblioteca, que é a base Pergamum<sup>10</sup>, e ele só tem status do modo não circulante. Mas você encontra pela base, a descrição é toda feita na base. Embora seja um conjunto só o acervo, cada parte é tratada separadamente na medida em que cada um é classificado como biblioteca, arquivo ou museu.

C.M. – Eu vi ali na reserva técnica que os livros dos professores, por exemplo, também vão ser considerados como arquivo pessoal.

T.O. – Isso. É uma questão não intelectual, de arranjo intelectual, é uma questão mais física. Por que... qual a lógica assumida? Os livros chegam junto com os arquivos de professores, embora eles sejam biblioteca, quando tentamos em alguma medida separar eles do conjunto todo doado, acaba quebrando uma lógica que é chamada ordem original. Então o que a gente fez? A gente deu uma lógica de biblioteca para os livros, mas eles também estão na lógica do arquivo. Em que sentido? A gente organizou toda a documentação e criou um instrumento de pesquisa e neste instrumento de pesquisa também tem os livros dos professores. Tentando criar qual lógica? A lógica é: um profissional qualquer que esteja pesquisando um livro vai encontrá-lo talvez no acervo do professor, mas quem em alguma medida quem não está pesquisando o professor, mas está pesquisando a temática que o professor se envolvia, também irá conseguir localizá-lo.

---

<sup>10</sup> Base de dados das bibliotecas da UFMG.

Então nós criamos estas duas estratégias, no sentido de um pesquisador que não está pesquisando exatamente aquele professor, mas a temática, e se o pesquisador estiver atrás daquele professor, da trajetória dele, ele também consegue encontrar.

C.M. – E vocês tem um sistema para esta catalogação e para essa consulta?

T.O. – Você diz em relação a todos os acervos?

C.M. – É.

T.O. – Por muito tempo o centro esteve sem uma política de acervo, como nós estamos chamando agora. O que acontecia é que era uma coisa um tanto quanto sem controle, no sentido de que a pessoa chegava aqui, indicava para o que ela precisava ou nós mostrávamos o instrumento de pesquisa, ou indicava a base Pergamum, a pessoa falava o que era de interesse de pesquisa, nós iríamos lá, separávamos os documentos e a pesquisa era realizada. A partir de agora começamos a criar normas para poder padronizar isso. Então dentro da política de acervo do CEMEF você vai ver que criamos vários formulários... Então tem formulários desde a hora em que o pesquisador chega aqui, para a gente identificar quem é este pesquisador, até o que ele está pesquisando. Então tudo que, a partir deste momento, ele vem fazer no centro, é como em qualquer outro centro de memória, ele vai passar a ter o seu cadastro aqui no CEMEF. Através deste cadastro conseguimos identificar o número de usuários que pesquisam o nosso acervo, o que é pesquisado, qual é o tema de pesquisa dele, até mesmo para que possamos, talvez, indicar alguma outra coisa que ele não veio à procura, mas que seja interessante para a pesquisa dele. A partir da política deste momento o centro passa a ter uma política de acervo e aí é tudo documentado, de alguma forma, o que o pesquisador vem fazer aqui ou o que o usuário vem fazer aqui.

C.M. – Essa base Pergamum ela tem acesso apenas aqui ou tem acesso online?

T.O. – É acesso online a base Pergamum. Os outros instrumentos de pesquisa ainda não estão no site do CEMEF. É uma intenção disponibilizar os instrumentos de pesquisa no site, mas como eles ainda estão passando por uma fase de finalização nenhum deles estão



disponíveis online, estão todos impressos aqui no CEMEF, o pesquisador pode vir, e consultá-lo, mas é sim uma intenção nossa que todos estes instrumentos estejam disponíveis no site, até para o pesquisador já chegar aqui sabendo... Ser mais fácil, saber exatamente o que ele vem à procura.

C.M. – O que vocês têm de instrumentos de pesquisa para além da base?

T.O. – Na verdade a base não é um instrumento nosso, certo? É um instrumento da universidade. Nós temos o instrumento de pesquisa dos fundos, que são os fundos institucionais, fundo um e fundo dois, já tem um instrumento de pesquisa em fase de finalização de um professor, que é o professor Herbert<sup>11</sup>, dos arquivos pessoais de professores. Para além disso, no primeiro movimento que foi realizado no CEMEF, foi a elaboração de um guia de fontes, que é uma tentativa de levantamento de tudo o que existia no CEMEF, embora ainda não seja um guia elaborado na lógica que atuamos hoje. Então estes instrumentos estão ficando prontos na medida em que as atividades vão acontecendo, eles vão sendo finalizados.

C.M. – Em que medida a universidade tem apoiado este trabalho que vocês tem feito? Vocês conseguiram apoio também financeiro, estrutural...? E também vocês tem tido uma valorização da universidade, especialmente dentro da Rede de Museus<sup>12</sup>?

T.O. – A Rede de Museus da UFMG apóia o Centro em alguma medida, há uma verba anual que é transferida para os centros de memória, para os centros de memórias usarem esta verba de acordo com a demanda de cada espaço. Quanto à unidade, eu não sei te dizer se há uma verba fixa que é repassada, eu acredito que não. A Meily vai poder te esclarecer um pouco melhor isso. Uma outra coisa que sei é o apoio institucional em relação à luz, energia, água, algum material de consumo que não é específico em relação ao acervo, porque como o material de consumo do acervo é muito específico, seja de gramatura de papel, tipo de pincel, tipo de trincha e estas coisas, isso faz parte da rotina da instituição fornecer. Então o centro funciona muito mais pelos projetos de pesquisa dos professores, é através dos projetos que o centro se mantém. Inclusive este prédio aqui foi uma chamada

---

<sup>11</sup> Herbert de Almeida Dutra.

<sup>12</sup> Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG.

pública, os professores concorreram a uma chamada pública e o prédio foi construído. Agora em relação a outros apoios da escola eu não sei te informar.

C.M. – E você estava aqui quando o prédio foi construído?

T.O. – Não, eu cheguei logo depois da construção deste prédio.

C.M. – Qual é o dia-a-dia de trabalho aqui no CEMEF?

T.O. – Como eu te disse existem frentes de trabalho, então cada grupo trabalha na sua frente de trabalho. A rotina é muito variada, em cada semestre fazemos um planejamento semestral. Então por exemplo: houve um momento em que o planejamento semestral foi higienização e tentativa de identificar de alguma forma o que eram aqueles documentos. Em outro momento foi a classificação, então se dedicamos a isso. E aí são estas etapas todas em relação à Arquivologia. Da melhor forma que eu, Fernanda e Nájela estamos trabalhando com os arquivos de professores na mesma rotina: na primeira fase nós higienizamos, uma fase nós classificamos, outra fase nós descrevemos e agora estamos finalizando os instrumentos de pesquisa. Então as rotinas variam muito de semestre a semestre, mas de acordo com a demanda de trabalho. Ao mesmo tempo em que nós estamos envolvidas com a rotina do centro como um todo. Que rotina que é essa? Se chega um pesquisador, nós também o atendemos, em momentos de seminário, como esse momento que você está aqui, que você está acompanhando, todos ficam envolvidos. Então param as atividades planejadas e todo mundo se envolve com o seminário. Se tiver um curso acontecendo é da mesma forma. Então além de trabalharmos especificamente com os acervos, também trabalhamos com a demanda geral do centro.

C.M. – E em relação a horário?

T.O. – Então, cada um cumpre a sua carga horária, de acordo com a bolsa estabelecida. Se a bolsa de extensão é de quatro horas, então o bolsista, embora não seja regular, tipo ele tenha que ficar toda a manhã, toda a tarde, mas ele tem que cumprir as quarenta horas semanais. Se o meu horário são seis horas, planejamos um horário da forma que eu possa estar aqui e cumprir o horário das seis horas diárias. Mas os bolsistas não necessariamente

precisam cumprir uma manhã ou uma tarde inteira. Os horários acabam sendo um pouco flexíveis, mas ele tem que cumprir a carga horária dele aqui no Centro.

C.M. – E você participa dos grupos de estudo aqui?

T.O. – Eu não participo dos grupos de estudos aqui, já que as temáticas de que cada grupo de pesquisa está muito mais relacionado à Educação Física. Até por conta do mestrado, por uma demanda de pesquisa e de trabalho muito maior, eu acabo me envolvendo com os grupos de pesquisa das ciências da informação. Mas em vários momentos aqui do Centro, como foi o momento de formação da equipe todo mundo que estava aqui participou, pelo fato de eles serem, de alguma forma, distantes das Ciências da Informação, tiveram muitos momentos de construção de trabalho juntos. O que era esta fase? O professor Adalson vinha para cá, reuníamos todos os bolsistas, todos os interessados dos centros: sejam bolsistas, pesquisadores ou voluntários que estavam aqui, então discutíamos os textos relacionados à Arquivologia. Esse foi também um momento de aprendizado para todo mundo. Foi talvez um novo aprendizado, um novo olhar para mim, que já estava na área, da mesma forma que foi um aprendizado para os bolsistas da Educação Física que estavam aqui. Tanto que eu brinco que Gisele, Meily, Fernanda, as pessoas que estão há mais tempo no centro, já tem um conhecimento muito bom sobre Arquivologia e sobre este tratamento documental, mas pelo envolvimento que aconteceu em todos os momentos de formação. Então estes momentos de estudos eram muito presentes. Não que hoje não existam, eles existem, mas de uma forma um pouco mais tranquila em relação ao que era antes, porque antes era semanal e agora é com a demanda: “Olha, a gente precisa entender um pouco mais sobre isso”. Então juntamos o grupo, estudamos... Principalmente agora em relação aos arquivos de professores, por ser uma demanda nova, um novo olhar, uma nova forma de organização, principalmente eu, Najela, Meily e Fernanda, temos estudado muito sobre Arquivos Pessoais. Até pelo fato de a Meily ter feito o pós-doc dela com a Luciana Heymann, que é uma professora do CPDOC<sup>13</sup>, então foi um momento de construção: construímos a lógica de Arquivos Pessoais e até conseguimos redefinir os acervos do CEMEF a partir do olhar de alguém de fora, que era a Luciana. Foi um momento de construção, de pesquisar, de olhar, de ler os textos, de discutir e falar: “Olha, esta lógica

---

<sup>13</sup> Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

que até então agia sobre o CEMEF não faz mais tanto sentido”. Então, é o que a Meily chama de reconstrução, de reconhecimento, porque as coisas vão evoluindo, evoluindo no sentido de que vamos tendo um novo olhar. Mas acontece sempre assim.

C.M. – Agora em relação à sua caminhada de pesquisa: eu queria que você contasse um pouquinho o que é que você tem pesquisado.

T.O. – Claro! Eu falo que o meu projeto de pesquisa surgiu exatamente pela minha trajetória acadêmica pessoal e profissional. Durante toda a fase que eu estive no curso, eu estive envolvida com o Centro de Memória da Educação Física. Aqui foi um lugar extremamente importante, tanto de relacionar teoria e prática, quanto questionar algumas teorias que até então eu lia e se perguntava: “Mas onde é que eu vou aplicar esta teoria e como é que isso vai funcionar?”. Foi aqui no Centro que eu construí grande parte do meu projeto de pesquisa hoje. O que é o meu projeto de pesquisa? Ele começou com um perfil, eu entrei no Programa de Pós-graduação das Ciências da Informação com um projeto que era a constituição dos arquivos universitários, o percurso do bibliotecário-documentalista, centros de documentação e centros de memória. Com esse um ano que eu estive fazendo as disciplinas do programa, meu professor e orientador sempre me questionava assim... Quando eu tratava do bibliotecário-documentalista eu ia ter que voltar muito no tempo e voltar de uma forma que eu não sei se eu daria conta das demandas, devido ao tempo do mestrado. Então o que fizemos? Tentamos fechar um pouco o leque do projeto: “Olha, acho que o bibliotecário seria um outro projeto, que teria que ser um projeto à parte”. Então ele me deixou muito livre para escolher. “O que é que você quer pesquisar, o que é que você se sente mais à vontade para pesquisar?”. Bom, como em todos os momentos eu já estive muito mais envolvida com centros de memória, aqui e aos outros centros de memória, pelo fato de existir a rede de museus com uma diversidade de centros. Eu falei: “Não, eu vou fechar o meu leque em centros de memória”. Então a ideia hoje mudou um pouco e o projeto torna a ser “A trajetória dos centros de memória e documentação que existiram na universidade” e aí eu vou tentar definir como que esses centros de memória se entendem, e se eles são centros de memória realmente, se eles são apenas museus, se eles são centros de documentação ou se de fato eles são centros de memória que abrangem estas três coisas. Os centros de documentação que existiram aqui escola, não só aqui na escola, mas em outros momentos da universidade, e como que estes centros de memória,

de alguma forma, dão apoio a uma questão que não existe na universidade, que é a gestão de documentos. Como que os centros de memória acabam atuando como um arquivo permanente das unidades e que de alguma forma trazem para nós uma realidade da universidade que é uma não gestão de documentos. E, se não fosse os centros de memória, provavelmente estes documentos estariam se perdendo. Então vou procurar trabalhar estas coisas e até dialogar de que forma eu entendo os centros de memórias, centros de documentação e os museus, mas sempre nesta perspectiva de trajetórias. Então eu mudo um pouco o projeto, por enquanto... [risos] Não sei se vai terminar assim, mas no momento é isso. E aí um dos centros que eu já crio como leque, no sentido de que eu quero aprofundar, é o daqui da educação física, por eu estar aqui e por eu saber de uma trajetória que foi a existência de um centro de documentação e hoje a existência desse centro de memória. Então será que o que existia naquele centro de documentação é o que hoje nós temos aqui? Ou será que esse centro de memória tem uma outra formação e se esses centros de documentação que existiam tinham uma outra perspectiva que não é a perspectiva de hoje do centro de memória. Então o meu projeto está um pouco relacionado a isto. Vamos ver se eu vou dar conta de fechar ele desta forma, mas nesse momento é isso.

C.M. – Com quais teorias ou autores você tem trabalhado?

T.O. – Eu tenho trabalhado muito, em relação a centros de memória e centros de documentação, com os escritores da própria área de Arquivologia e História. Então o aporte teórico que eu tenho trabalhado é principalmente, assim nesse princípio, trabalhando arquivo e memória, o que é que eu entendo como centro de documentação e centro de memória e para isso eu uso Johanna Smit<sup>14</sup>, enfim, tantos outros que agora eu não vou lembrar, mas todos relacionados principalmente à Arquivologia ou a Ciência da Informação, mas que todos tratam de alguma forma de centros de documentação, centro de memória, todos nesta perspectiva. Mas que eu tenho trabalhado principalmente agora é com a Johanna Smit, porque quando ela define o que é um centro de documentação e o que é um centro de memória acho que me ajuda muito a definir a trajetória que eu vou dar ao meu trabalho, mas principalmente estas duas são as que estão mais presentes. É claro que eu venho trabalhando com muitos outros, quando a gente faz a tal da revisão de literatura

---

<sup>14</sup> Johanna Wilhelmina Smit.

não tem como, é claro, trabalhar com tudo, mas um movimento que eu tenho feito em relação a esses temas em específico.

C.M. – E a metodologia de trabalho?

T.O. – Eu vou tentar trabalhar da seguinte forma: eu já tentei estruturar de alguma forma os capítulos para eu conseguir me guiar. No primeiro capítulo eu vou tentar definir o centro de documentação e de memória através das funções arquivísticas: então como que os centros de memória se classificam, como que um arquivo classifica, como é a produção de alguma forma natural do arquivo, porque o arquivo nasce de uma forma natural, e como que muitas vezes um centro de memória é uma produção que a gente chama de não natural.

C.M. – Intencional?

T.O. – Intencional ou uma seleção, nem sempre intencional! Então eu vou trabalhar estas funções arquivísticas comparando como que os centros de memória funcionam.

C.M. – Mas como que você vai olhar isso? Você vai pegar os documentos deles, vai fazer observação, entrevista?

T.O. – Através de entrevistas e quando existir algum, por exemplo, instrumento de pesquisa, algo que eu consiga direcionar melhor... vai ser através disso. Mas principalmente, acho que vai guiar através de fontes, estas fontes são também boletins que existiram na universidade e esses boletins falam da criação destes centros, como que estes centros se caracterizavam. A própria documentação dos centros e entrevistas: entrevistas com as pessoas que participaram, entrevista com os bolsistas, e tudo mais para que eu possa entender isso. Tanto no primeiro capítulo, quanto nos capítulos seguintes que eu vou esboçando a trajetória dos centros aqui da universidade, mas principalmente entrevistas e fontes e aí fontes dos centros e externas aos centros, no caso dos boletins. Em alguns momentos eu estou achando que vou ter que, também, dar uma olhada nos documentos institucionais, em relação ao que é que estes documentos institucionais mostram: se os centros foram institucionalizados ou se não foram institucionalizados. Por enquanto está assim.

C.M. – Onde você tem feito circular a sua produção acadêmica. Você tem participado de eventos, em que área?

T.O. – Eu participo de eventos na Arquivologia, então os congressos tanto nacionais, quanto os congressos que acontecem em relação às universidades... Por exemplo, aqui nós temos o nosso congresso, o nosso seminário do curso de Arquivologia da UFMG, que acontece todos os anos. Mas por incrível que pareça a minha produção tem circulado muito mais em congressos e seminários da Educação Física. Existe um livro que também nós participamos, que é o livro do CEMEF, de organização da Meily e do Adalson<sup>15</sup>. Mas por incrível que pareça a minha produção acaba vindo muito mais para cá, principalmente quando levamos para os congressos a experiência do Centro de Memória da Educação Física, a nossa experiência de organização de acervo. A minha produção acaba sendo muito mais na educação física: nos congressos, seminários, palestras e tudo mais que acontece por aqui [risos].

C.M. – Só falta duas perguntas [risos]. Atualmente, como você entende o CEMEF?

T.O. – Eu entendo o CEMEF realmente como um centro de memória, um centro de memória que conseguiu ao longo do tempo definir muito bem a sua política de acervo e a sua linha de acervo, que é o mais importante. Eu vejo o centro de memória como um lugar de experiência e de troca de informação com outros centros, seja pelo perfil que o centro de memória já tomou diante da universidade e diante dos outros centros de memória e pelo fato desta institucionalização, não em relação à institucionalização “unidade centro de memória”, mas em relação ao próprio centro. Então este perfil todo que o centro vem tomando hoje de organização, de pesquisa, de extensão... Eu acho que o centro acaba sendo uma experiência de um novo olhar para os outros centros de memória que ainda não conseguiram cumprir essa etapa. Ao mesmo tempo em que eu enxergo um problema, que é a universidade não tem uma padronização, de alguma forma, de como os centros devem trabalhar ou como não devem trabalhar. Os centros acabam trabalhando de uma forma muito independente, cada centro de memória funciona de uma forma. Por outro lado acho

---

<sup>15</sup> Livro “Organizando Arquivos, Produzindo Nexos”, organizado por Meily Assbú Linhales e Adalson Nascimento, publicado em 2013 pela Editora Fino Traço.

que o CEMEF acaba assumindo uma característica muito mais de pesquisa, eu acho que é um centro de memória que se caracteriza como um centro de memória, mas que tem uma grande força na pesquisa. Eu acho que o que movimenta os centros são as pesquisas. É claro que a organização proporcionou as pesquisas, mas eu acho que as pesquisas moveram a organização dos acervos, de alguma forma eu acredito que não existe isso em outros centros, acho que a preocupação dos outros centros é só organizar e aí não pensam ou deixam para uma perspectiva muito futura as pesquisas, enquanto que, eu acho, o CEMEF foi construindo isso, seja construindo a pesquisa em relação à organização, seja a pesquisa em relação... “Nossa, isso me interessou desse acervo!”... Então acho que é uma troca muito interessante que o centro criou, mas que hoje eu vejo ele como centro de memória, mas também como um lugar de pesquisa. Um lugar muito forte no quesito pesquisa.

C.M. – Quando você fala que os outros centros não tem tanto essa presença da pesquisa, você está falando os daqui da UFMG?

T.O. – Daqui da UFMG. Estou falando dos da UFMG. Eu acho que eles têm uma característica muito mais de preservação e muito pouco de pesquisa. Assim... “Ok, preservar”. Mas preservar para não ter pesquisa? Preservar para o usuário não ter acesso? Como que isso funciona, entendeu? E eu acho que é bem diferente aqui do Centro de Memória da Educação Física.

C.M. – Qual foi o papel do CEMEF na sua trajetória?

T.O. – [risos] Eu acho que foi o momento mais importante da minha trajetória, principalmente porque o curso de Arquivologia, não sei se por eu ter formado na primeira turma, ainda estavam formando por uma fase de experiência do curso, no sentido de que muita coisa nós precisamos passar para perceber que seria necessário uma transformação. E são nessas lacunas que o centro de memória foi uma complementação perfeita. Porque até então, como o curso era muito teórico, muito pouco prático, o CEMEF foi o lugar que eu consegui além trazer a teoria que eu tinha à prática, mas também de questionar as teorias que até então eu havia aprendido. Eu pensava: “Ok, essa teoria existe, mas não é em todo momento que eu vou conseguir que essa teoria funcione de forma clara”. No sentido, por exemplo: a gente preza muito por uma ordem original, acontece que quando eu chego



em um centro de memória que os arquivos de alguma forma já passaram por um primeiro movimento de organização, aquela ordem original não vai ser a ordem original. Não adianta eu querer achar que vai ou mentir para mim mesma, dizendo que aquilo é a ordem original. Eu preciso compreender que aquilo já passou por um processo de organização, e que aquele “mexer” não foi o mais adequado, então o ideal é criar uma lógica que seja o mais próximo da ordem original, através da pesquisa do acervo. Até então lá no curso isso não fica muito claro para mim, “Como assim ordem original? Quando eu chegar num acervo e não tiver ordem original eu não vou mexer no acervo, eu não vou...” [risos]. Então eu acho que o CEMEF foi primordial, para eu questionar as teorias da arquivologia, para eu compreender algumas delas e principalmente para o meu crescimento intelectual em relação à produção acadêmica, essa questão de expor para o outro ou mostrar para o mundo acadêmico o que nós estamos fazendo e que em algum momento, talvez, não foi o ideal, mas que o pensamento “está partindo disso e está indo para isso”. Acho que essa trajetória toda foi muito importante, tanto... E até para eu descobrir qual vai ser a minha formação a partir de agora: “eu quero seguir o mundo acadêmico ou eu prefiro ir para o mercado de trabalho?” Acho que isso sempre me ajudou muito a definir a minha trajetória pessoal também.

C.M. – Então ok, Thaís. Tem mais alguma coisa que você quer registrar?

T.O. – Não, por enquanto não. Eu acho que o Centro ainda tem muito a crescer, tem muita coisa a ser feita. Como a gente brinca aqui: “O trabalho de acervo é um trabalho de formiguinha, o trabalho com arquivo é de formiguinha, não é um trabalho que vai ficar pronto logo”. Isso de alguma forma traz uma certa expectativa, tanto dos envolvidos quanto dos pesquisadores, porque não é de hoje para amanhã que vamos dizer: “Está tudo pronto, vai ficar tudo pronto”... É um trabalho realmente de formiguinha e eu acho que nós já entendemos isso aqui no Centro. E eu entendo como profissional, que o centro ainda tem muito a fazer, mas que nós vamos percebendo as demandas e vamos fazendo os nossos trabalhos, até que em algum momento que tudo vai ficar pronto. Não adianta quisermos abraçar tudo nos braços, sendo que entendemos que não iremos dar conta. Entendemos que, por exemplo, as fotografias precisam passar por uma outra fase de re-organização, mas se compararmos a forma como elas estavam, agora elas estão conservadas, bonitinhas... Há uma breve descrição que, se alguém chegar para pesquisar, consegue

identificar. Nós conseguimos localizar a fotografia, mas entendemos que o conjunto precisa passar por uma outra organização. A partir de um trabalho pronto, os outros nós vamos tentando dar conta dos “outros recados”. Eu acredito que o centro nunca vai parar, o trabalho nunca vai parar, até porque o centro recebe acervo de professores. E nós sabemos, pois a universidade não tem uma gestão de documentos, mas daqui a pouco, outros documentos vão estar se perdendo institucionalmente... Nós vamos ter que abraçar também a causa. Então acho que o centro de memória nunca para, de alguma forma ele nunca para, está sempre em construção.

C.M. – Então ok, muito obrigada! [risos].

[FINAL DA ENTREVISTA]